

Abstract: *The purpose of this text is to discuss text production at school as it is related to linguistic variation. In order to do so, it analyzes the concrete conditions in which one learns/teaches writing.*

Keywords: *linguistic variation, standards, communicative competence*

A LEITURA COMO FONTE DE PRAZER E DE SABER

*Elida Maria Fiorot Costalonga**

Resumo: *O texto busca refletir sobre a influência da atitude feminina no processo de formação do sujeito-leitor em classes de alfabetização.*

Palavras-chave: *Leitura, controle social, motivação, aprendizagem, prazer.*

De onde falo?

Falo a partir dos lugares sociais que ocupo como professora, mãe, mulher, cidadã brasileira. "Mestre em Educação"? Permanente aprendiz..., porque... leitora apaixonada de livros, de pessoas e do Universo. Falo, portanto, a partir desses diferentes espaços sociais, onde trabalho e estudo, aprendo e ensino, amo e sou amada, vivo, procurando promover a vida, embora, circunstancialmente, acabe também, participando da promoção da morte... A palavra que ora pronuncio representa, portanto, uma extensão do movimento discursivo social do qual participo.

Segundo Fernández (1994), Lacan, em um dos seus estudos sobre Linguagem, tece a seguinte análise: "...assim como que a voz se ouve, o significante se escuta e o que se lê do que se escuta é o significado."

Nesta perspectiva, desenvolverei esta minha conferência com o entendimento de que os sentidos do meu dizer irão ultrapassar as minhas intenções preliminares ao se entrecruzarem com os múltiplos sentidos em processo de construção interdiscursivo e intersubjetivo, estaremos criando uma rede de significados constituinte e constituída por nossa cultura e nossa história..

É oportuno esclarecer, que aqueles a quem eu não conseguir agradar, não têm por que continuar a me ouvir, e quem se opuser ao meu modo de pensar, não tem razão para 'seguir-me'. Parafraseando Richard Wilhelm (*In I Ching – O livro das Mutações*), eu simplesmente gostaria que permitissem que esta minha fala divagasse pelo mundo em benefício dos que forem capazes de compreender sua significação.

A Relação Mulher / Criança: primeira relação pedagógica

Neste primeiro bloco de análise pretendemos tecer algumas considerações com o objetivo de buscar propostas para a seguinte questão: O que aprendem as nossas crianças nas classes de alfabetização paralelo ao aprendizado de leitura e da escrita? O que aprendem essas crianças, dentro da trama institucional das nossas escolas que possuem uma cultura constituída profundamente por marcas da subjetividade feminina: seus conceitos e “pré-conceitos”, suas crenças e dúvidas, seus medos e aspirações, desejos e não-desejos, seus limites, sua fragilidade e força, suas desesperanças, mas também suas utopias?

Sabemos que, na nossa cultura, historicamente, *“as mães e as professoras vêm sendo, senão as únicas, as principais responsáveis pela socialização das crianças, sobretudo na Família e na Escola”* (COSTALONGA, 1995). Na pedagogia da Família, como na pedagogia da Escola, parece-nos que o processo ensino-aprendizagem se constrói fundamentalmente a partir da relação Mulher / Criança. Isto nos leva a pensar que a natureza e o grau da qualidade dessa relação afeta o processo de construção do vínculo da criança-aprendiz com o Conhecimento. Entendemos ser este um campo muito interessante de pesquisa, onde há muito que se explorar. Especial destaque nesta área merecem as contribuições de Fernández (1994), Pain (1897), Scoz e outros (1987), Zelam (1993), citando alguns, dentre os estudos já realizados nesta área.

A mulher brasileira, embora venha evoluindo e conquistando alguns espaços na sociedade, ainda hoje, vive um processo de discriminação e exclusão que varia em níveis de extensão e profundidade, conforme sua classe social, escolaridade, beleza física, idade, etc. Esta mulher, constituída e constituindo-se neste contexto social de herança machista é patriarcal, apresenta-se com uma “sexualidade reprimida... desmeritada... enclausurada” – o que segundo Fernández (1994) pode gerar processos de “inibição cognitiva”. Tais processos, uma vez instalados, criam dificuldades à mulher no exercício da crítica e da autocrítica.

Na época de Freud, lembra-nos Pavlovsk, *“o que estava mais reprimido era a sexualidade”*. Na nossa época, é a imaginação o que mais se reprime e o imaginário coletivo o que mais se controla.

Alguns de vocês poderão estar se perguntando sobre a relação entre esta análise e o tema desta mesa que é: “A Leitura como fonte de Prazer e de Saber”. Não nos cabe aqui discutir todo esse processo de controle social. Porém, considerando que a mulher, na nossa cultura, desempenha o papel principal na educação das crianças, pretendemos apenas provocar algumas reflexões sobre a influência da sua atitude no processo de formação do leitor-sujeito.

Conforme dissemos anteriormente, paralelo à relação professora / alunos, encontra-se a relação mulher / criança, constituindo de modo objetivo e subjetivo o

processo pedagógico da escola, sobretudo nos primeiros anos de escolaridade. Por essa razão, consideramos oportuno perguntar: qual o espaço da leitura na vida da professora e dos professores em geral? Como é possível se ensinar leitura e escrita, na perspectiva da formação do leitor assíduo, crítico e exigente, não sendo esse tipo de leitor? Ou, sem sequer ser leitor? Como pode uma professora (ou um professor) ensinar leitura e escrita sem estar apaixonada (o) por livros e pela experiência de ler? Como pode o (a) professor (a) convencer seus alunos de que a leitura é fonte de prazer e de saber, sem que promova a intimidade entre os alunos e os livros; muitos livros, de diferentes conteúdos, dentro e fora da sala de aula? Como pode uma professora despertar paixões, motivar interesses, hábitos e gostos por leitura *se ela não está motivada*, se não percebe a leitura como um valor cultural que os enriquecem, professora e alunos?

A escola, tal como a concebemos, deveria ser o espaço privilegiado da leitura como experiência de vida para alunos e professores. Infelizmente, ainda faz parte da pedagogia da leitura em muitas das nossas escolas, sobretudo das particulares, *“solicitar aos alunos que leiam determinado livro para posteriormente fazer prova sobre ele”* ou *“leiam para responder a determinadas perguntas”* (questionáveis quanto à sua relevância!)... Esta pedagogia precisa ser revista criticamente pelas escolas porque pode aprisionar alunos e professores em uma metodologia de leitura mecânica e superficial que faz com que *o aluno* (e também o professor!), ao se defrontar com um texto, *restringa a sua ação*, ao correr o “dedo indicador” de linha em linha, movimento que é acompanhado pelos olhos que sobrevoam cada página *numa busca voraz da “resposta esperada pelo professor”*. Este, por sua vez, ao “corrigir” o exercício de leitura, *restringe-se a comparar se a resposta dada pelo aluno confere com a do Livro Didático ou com a da Ficha de Leitura*, que costuma acompanhar alguns livros de literatura infantil e infanto-juvenil. Agindo dessa forma, as escolas vêm transformando o próprio ato de ler num processo de não-leitura, contribuindo conseqüentemente para a formação do não-leitor. O contato com o livro, que deveria representar uma porta aberta para o mundo, converte-se numa experiência limitada e desprazerosa, contrariando dessa forma o princípio da leitura como fonte de saber e de prazer.

Há algumas décadas que os discursos acadêmicos, quando analisam o fracasso escolar, apontam como medida terapêutica e preventiva a necessidade de se motivar os alunos para a leitura. Nesse sentido, gostaríamos de levantar algumas questões: O que se entende por *motivação*? Como se aprende a gostar de ler? Como se forma o hábito de leitura? A *motivação dos alunos* para a leitura, sobretudo no âmbito da escola, estaria “condicionada” ao entusiasmo e à *motivação das (os) professora (es)*? Sobre que bases psicopedagógicas, culturais e sociais se constrói e se sustenta a *motivação*? Estaria a *motivação para ler* vinculada à *motivação para viver*? É possível a uma professora, desvalorizada, discriminada e desprotegida

legal e socialmente como mulher e professora, *sem motivação para a vida*, promover *motivação para leitura*? A motivação para a leitura, tal como a concebemos, é um processo que se constrói a partir de determinadas condições sociais, políticas e pedagógicas que precisam lhes ser favoráveis.

Uma exigência política e pedagógica na virada do século e milênio é a transformação das escolas em grandes bibliotecas – centros culturais – de incentivo, apoio e difusão de leitura e informação. Dentre outras coisas, isto exigirá uma nova concepção por parte daqueles que decidem e elaboram a estrutura física das escolas. Cozinhas e refeitórios provavelmente terão que ser diminuídos e mudados de lugar na planta física da escola, para que a biblioteca escolar se amplie e passe a ocupar um espaço central. Esta nova estrutura poderá favorecer a emergência da motivação para a leitura, uma vez que objetiva uma reorganização pedagógica da escola, de modo a ampliar, para alunos e professores, a possibilidade de acesso ao mundo da Cultura, da Ciência e Tecnologia, e paralelamente o mergulho no seu mundo interior. Dessa forma, amplia, simultaneamente, a sua compreensão de si mesmo e de sua sociedade.

Lajolo (1991) parece refletir nessa mesma direção, quando afirma que *"leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida."*

Escrita e Democracia

O acesso à escrita hoje, em várias partes do mundo, próximo à virada do século e milênio, parece vir se tornando cada vez mais uma ameaça e um desafio à construção da autêntica democracia social, que tem a Leitura e Escrita como parte do seu fundamento.

Foucambert (1994), em um dos seus mais recentes estudos, cujo título é *"A leitura em questão"*, apresenta alguns dados que apontam quem são os usuários do livro, em algumas sociedades do Primeiro Mundo. Em geral, afirma ele: *"... o livro é feito por quem sabe ler, para quem sabe ler... (...) Na França, para 30% das pessoas. (...) Ali, poucos são letrados, enquanto muitos são apenas alfabetizados (...) Cerca de 15% dos cidadãos da França, escolarizados e que falam a língua francesa, são incapazes de achar significado num texto simples, relacionado à sua vida diária. (...) Nos Estados Unidos, a proporção é de 20%, e alguns levantamentos constataam que o número de analfabetos vem aumentando anualmente em algo próximo a um milhão e quinhentos mil!"*

E no Brasil? Quem é leitor na sociedade brasileira?

Aqui, o quadro parece-nos mais grave. Vejamos o que diz Yves de La Taille (1994): *"Na realidade, o problema é que grande parte da população é não-leitora no sentido radical do termo: grande parte é analfabeta!"*

Perguntamos portanto: Não vos parece ingenuidade pensar em "descaso com a educação", diante da evidência de que o analfabetismo continua ainda hoje, próximo ao ano 2000, instalado mundialmente? A quem interessa a manutenção de grandes populações, como exemplo a do Brasil, destituídas das condições necessárias à aprendizagem da leitura, escrita e do cálculo lógico-matemático? Sobre que se assenta o atual regime político-econômico que fundamenta, estrutura e organiza a sociedade brasileira?

Na verdade, a manutenção do analfabetismo no tempo e no espaço leva-nos a pensar que há por trás disso toda uma política econômica de altos investimentos que sustenta tal situação em tais sociedades, que, fundadas na divisão desigual de bens e de poder, vêm negando à maioria das suas populações o direito às experiências sociais, tornadas possíveis apenas a aqueles que possuem o domínio da leitura e escrita.

Perguntamos então aos educadores: Que papel nos cabe dentro deste contexto? Qual é a responsabilidade da escola dentro desta realidade sócio-política? Que tipo de leitor e cidadão a escola e a sociedade brasileira vêm formando? O atual processo de ensino de leitura e escrita desenvolvido por nossas escolas tem contribuído para a socialização do poder político e social da Escrita, da Comunicação e da Informação?

Desde a década de 80, muitas críticas têm sido dirigidas aos "métodos tradicionais"... Paralelamente, observa-se aqui, lá e acolá, algumas tentativas de inovação na área de alfabetização. Apesar de haver algumas mudanças, estas têm sido insuficientes no sentido de promover as condições escolares necessárias "a uma efetiva prática da leitura, desde o início do aprendizado" (Foucambert, 1994). As condições a que nos referimos, exigirão, por parte dos alfabetizadores, mudanças conceituais e metodológicas, dentre outras mudanças, é óbvio que deverão ocorrer nos planos político-econômicos, institucional e pedagógico de modo mais amplo. O ensino da leitura e escrita que enfatiza o reconhecimento das palavras através do mero treino mecânico de junção / separação de letras, sílabas e palavras, "freia o ato de ler... fixa o hábito da oralização, tornando o próprio processo de alfabetização antagônico à leitura" (Barbosa, 1994). Desta maneira, a alfabetização, que deveria contribuir para a formação do leitor, acaba, na própria gênese, produzindo não-leitores.

Professores e alunos devem transcender da "técnica de leitura" para o domínio das múltiplas competências e habilidades de compreensão do que se lê, o que exige a reorientação de todo processo ensino-aprendizagem. Se pretendemos formar leitores competentes, não podemos adotar um único método, que se limite em adestrar alunos (e também as professoras!) na aquisição das regras de estruturação e de funcionamento do sistema alfabético de escrita. Este conhecimento, embora necessário, por si só é insuficiente à formação do leitor polivalente, crítico e criativo. Além disso, é necessário que alunos e professoras (es) se apropriem progressivamente das estratégias de leitura e das de escrita.

A expansão planetária dos meios de Comunicação, da Ciência e da Tecnologia, coloca em circulação uma profusão de textos impressos, que acabaram por exigir

dos cidadãos o “domínio de usos cada vez mais complexos de leitura e escrita”. O alcance de tais domínios não se faz espontaneamente, mas sim através de um processo de ensino, que deve ser conduzido com competência, rigor e seriedade. Portanto alfabetizar apenas é insuficiente. É preciso formar bons leitores, que, ao ler, sejam capazes de ultrapassar a mera decodificação e vocalização de palavras e frases, através do desenvolvimento e aplicação de diferentes processamentos mentais para a compreensão de diferentes tipos de textos (anúncios, prospectos, poemas, textos científicos, literários, etc.). Considerando estas reflexões, insistimos em perguntar: Quem é leitor no Brasil de hoje? Como se formam esses leitores, na escola e na sociedade? Que tipo de leituras dão conta de realizar? Que espaços sociais ocupam? Que leitura fazem do mundo e de si mesmo, a partir do lugar onde ocupam e vivem?

Levantadas estas questões, vamos, a partir de então, até mesmo para sermos coerentes com o tema em discussão, desenvolver a nossa análise buscando compreender um pouco mais as relações objetivas e subjetivas entre indivíduo / obra, cidadão / leitura, leitor / texto.

Relação leitor / texto

Dissemos no início deste trabalho que pretendíamos levantar perguntas, muitas perguntas, a fim de promover nesse processo de interlocução a crítica e a imaginação. Afinal, todos sabemos que são as perguntas que geram o diálogo, fomentam o debate e promovem os avanços qualitativos no interior da Ciência.

Nessa perspectiva, prosseguiremos a nossa reflexão buscando compreender: o que o leitor faz com o texto e o que o texto faz com o leitor? Que significações o leitor abstrai do texto quando o lê? Que *viagens* cada texto possibilita a cada leitor? Que mundos, que culturas, que pessoas cada leitura nos permite conhecer? Que contatos viabiliza? Que significações o leitor imprime no texto, quando projeta no que lê todo o conhecimento adquirido, bem como toda a história de sua experiência como pessoa? Que transformações cognitivas, emocionais e psicológicas cada leitura opera no sujeito-leitor? Que possibilidades de transformação social a leitura oferece? Em que dimensão? Dentro de que limites?

Lembro-me de ter lido alhures que o valor de uma obra mede-se pela possibilidade que cria de tocar o leitor, de tirá-lo da passividade e da contemplação. Quando isso ocorre, diz-se que tal obra liberta e acrescenta, em função das surpresas e imprevisibilidades que a constitui. “Na leitura, todas as emoções do corpo estão presentes, mescladas, enroladas: o fascínio, a vacância, a dor, a volúpia... A leitura produz um corpo perturbado, mas não fragmentado” (Barthes, 1984).

O Homem não permanece o mesmo, antes e depois de cada leitura. “A cada mergulho nas camadas simbólicas de um livro emerge-se vendo o universo, interior e exterior, com mais clareza...” (Rezende, op. cit.).

Quando lemos, entramos no espaço micropolítico da palavra, com tudo o que se é e se aprendeu até então, e ao vivermos cada experiência que cada leitura nos possibilita, encontramos-nos numa nova dimensão pessoal e social, que nos permite *ressignificar* tudo o que já se era e se sabia até então. É a partir desse entendimento que afirmamos ser a leitura uma possibilidade de abertura para o mundo cósmico, social, natural e individual.

E o prazer de ler? Onde estaria? Como e onde encontrá-lo?

Conheci certa vez um professor de 1ª. série (que preciosidade!), que, em uma de nossas conversas sobre leitura e leituras, disse-me: “...o meu desejo (...), o que quero ao ler um texto, é penetrá-lo tão profundamente para que eu possa fecundá-lo e ser, fecundado. E dessa experiência, nasce algo novo na minha sala de aula.”

DESEJO... LEITURA... FECUNDAÇÃO... ALGO NOVO!... PRAZER DE LER, há melhor forma de descrevê-lo? Bettheleim, corroborando com essa reflexão, argumenta: “O prazer de ler e o sentido que uma pessoa extrai do ato de ler, fato que enriquece a nossa vida, requer que a leitura seja uma experiência na qual nossa personalidade toda fique plenamente envolvida nas mensagens transmitidas pelo texto” (1984).

Retomando Barthes, encontraremos: “...ler é fazer trabalhar o nosso corpo ao apelo dos signos do texto, de todas as linguagens que o atravessam e que formam como que a profundidade cambiante das frases.” (op. cit.)

SABER E PRAZER, PRAZER DE SABER, a leitura instaurando uma relação profunda do HOMEM com a ESCRITA, do LEITOR com o TEXTO. Ler, como afirma Rezende (op. cit.), “é para dar bem estar à tonalidade do indivíduo e propiciar-lhe acréscimos significativos”.

PRAZER DE LER?... EXPERIÊNCIA DE VIDA! Algo que nos envolve por inteiro: corpo e psiquê, holisticamente considerados. “Desde o princípio até o fim, a aprendizagem passa pelo corpo” (Fernández, 1994). Quando aprendemos, é com o nosso corpo que o fazemos. Em aprendizagem da leitura. Leitura que não passa pelo corpo, que não o mobiliza em busca de novas leituras e escrituras, que não desperta paixões... é uma leitura que não transcende o limite da palavra e, sendo assim, tal como nos atos amorosos superficiais, não expande o sentido das zonas erógenas em si para o da erotização geral do corpo. “Existe um sinal inconfundível para diferenciar a ortopedia da aprendizagem: o prazer do aluno... A apropriação do conhecimento implica o domínio do objeto, sua corporização prática em ações ou em imagens que necessariamente resultam em prazer corporal... O corpo coordena, e a coordenação resulta em prazer, prazer de domínio...” (Fernández, op. cit.).

Desculpem-me meus interlocutores, se acabo por ser redundante. Quando estamos apaixonados, ficamos resistentes em nos afastarmos do nosso “objeto de paixão”. E eu tenho estado “apaixonada” pelas idéias de Roland Barthes, sobretudo

após ter lido *O Rumor da Língua*, uma de suas mais brilhantes obras. Neste livro, encontramos, dentre outras tantas sabedorias, uma das mais bonitas e profundas reflexões sobre o PRAZER DE LER.

Narra ele: *"Parece-me existirem pelo menos três tipos do prazer de ler, ou, para ser mais preciso, três vias (aventuras) pelas quais a Imagem da Leitura pode capturar o sujeito... Chamo aventura ao modo como o prazer vem ao leitor. No primeiro modo, o leitor tem, com o texto lido, uma relação fetichista; sente prazer com as palavras, com certas palavras, com certos arranjos de palavras; desenhava-se no texto praias, ilhas em cujo fascínio o sujeito se abisma, se perde; (...) De acordo com o segundo modo, oposto ao primeiro, o leitor é de alguma maneira puxado para frente ao longo do livro, por uma força (...) que está mais ou menos na ordem do suspense (...) quando o prazer está ligado à vigilância do que vai se desenrolando e à revelação do que está oculto (...) seria preciso interrogar, inversamente, os bloqueios, as repulsas de leitura: por que é que não continuamos a leitura de um livro? (...) Existe uma terceira aventura da leitura (...) é se se pode dizer, a da Escrita. A leitura é condutora do Desejo de escrever (...) desejamos o desejo que o autor teve do leitor quando escrevia, desejamos o ama-me presente em toda escrita. Uma pura leitura que não apele a uma outra escrita é para mim algo de incompreensível"* (Roger Laporte, cit por Barthes, op. cit.). *Nesta perspectiva a leitura é verdadeiramente uma produção... (produção do desejo de escrever, ressalva minha). A partir de então a cadeia dos desejos começa a desenvolver-se e cada leitura vale pela escrita que engendra, até o infinito."*

Se por um lado a Leitura é uma experiência de vida, por outro a Escrita é o registro histórico dessa experiência. Muito embora, na maioria das vezes, a Leitura seja um ato solitário e estático, é na silenciosidade da leitura de um bom texto que se engendra a possibilidade do sujeito-leitor sair de um possível estado de estagnação, possibilidade que a LEITURA oferece, sendo fonte de SABER, de desestabilizar o leitor em toda a sua corporeidade e de "capturá-lo", envolvendo-o num processo permanente de *aprender a aprender* e de *conhecer o conhecimento*, navegando *de portos de passagem* pelo mundo da escrita.

Tentamos esboçar uma análise acerca do prazer da leitura. Embora tenhamos centrado nossas discussões na relação leitor / texto considerando-a aparentemente solitária e individual, esclarecemos que tal abordagem se constituiu apenas numa opção metodológica. Quando falamos da relação leitor / texto, estamos falando de atos sociais, mesmo quando realizados a sós. Os atos de leitura são sempre atos sociais, que envolvem processos intra e intersubjetivos, resultantes do movimento discursivo dos indivíduos em interação social, numa determinada época e cultura. Trata-se portanto, de uma relação ao mesmo tempo individual e universal, constituída / constituindo-se intersubjetivamente de uma multiplicidade de sentidos.

Leitura e Aprendizagem

O processo de aprendizagem e o processo de desenvolvimento do Homem, da História e da Ciência, realizam-se de forma contraditória, não-linear, marcados por evoluções e involuções no interior do movimento progressivo do crescimento individual e social.

O crescimento intelectual, nesse sentido, exige do sujeito tanto o acesso às inovações da modernidade científica e tecnológica como um adentramento no modo de pensar dos clássicos do passado.

Nessa perspectiva, os avanços qualitativos na sala de aula, na educação e na sociedade dar-se-ão a partir do diálogo criativo entre as diferentes formas de pensar e de agir, do presente e do passado. Aprendemos com Descartes, por exemplo, que "ler bons livros equivale a uma conversação com as pessoas mais qualificadas dos séculos passados" – e também da atualidade, ressaltamos nós, para sermos coerentes com a análise que viemos realizando.

Concebemos a escola como um lugar onde a leitura deveria ser uma rica experiência de vida, sobretudo para as crianças pobres que têm menos acesso às revistas, livros, jornais, etc. Infelizmente, ainda faz parte da pedagogia do ensino da leitura – em muitas de nossas escolas – a solicitação aos jovens para que "leiam determinado livro para posteriormente fazer a prova sobre ele..." Essa metodologia precisa ser vista criticamente pelos professores, porque pode tornar o aluno prisioneiro de um processo mecânico e superficial de aprendizagem da leitura, cuja finalidade restringi-se a "ler para responder determinadas perguntas". Agindo dessa forma, as escolas acabam por transformar o próprio ato de ler em um processo de não-leitura, contribuindo conseqüentemente para a formação de não-leitor.

Vivemos hoje as expectativas da virada do século e do milênio. As exigências emergentes deste momento histórico já se fazem presentes em todos os níveis da nossa vida cotidiana e social. Tal assunto vem sendo veiculado pelos meios de comunicação oral e escrita, em que discussões têm sido suscitadas no sentido de alertar a população para as novas exigências educacionais e sociais.

Em agosto de 1994, a revista *Exame* publicou um artigo com o título: "Como preparar seu filho (...) para o trabalho no ano 2000". Neste artigo, os profissionais da educação formal, escolar, encontrarão aspectos do seu campo de trabalho sendo questionados e que, de fato, carecem de uma avaliação crítica para que a escola cumpra o seu papel na sociedade emergente.

Dentre os vários pontos em discussão no referido artigo, destacamos alguns. A saber:

"É preciso verificar a metodologia de ensino utilizado pela escola de hoje. Ela não condiz mais com as necessidades do século XXI..."

"O professor não pode parar de estudar..."

“É essencial que a escola, muito mais do que acumular conhecimento, ensine a raciocinar, desenvolva criatividade, a imaginação e o espírito de iniciativa; e consiga entusiasmar o aluno para a aquisição de conhecimento.”

“O trabalho do aluno vai se realizar numa atmosfera onde todos deverão estar aprendendo o tempo todo.” (José Pastore, sociólogo e professor da USP, citado por Bernardes)

“Hoje, existem no mundo um milhão de robôs. No ano 2000, esse número terá, no mínimo dobrado. Cada vez mais eles tomarão o lugar do homem em todas as funções que não exijam raciocínio... LIÇÃO EVIDENTE: fugir (...) de toda carreira que implique trabalho mentalmente mecanizado... e aproximar-se de áreas que contêm pontos sobre o binômio inteligência, criatividade e capacidade de interagir com gente...”

“Uma formação escolar de primeira consiste em buscar que priorizem a Matemática, as Ciências (Biologia, Física, Química) e Línguas. Sejam equipadas com instrumentos da tecnologia e disponham de um corpo de professores em constante atualização.” (A.M. Bernardes, 1994)

Diante dessas necessidades que vêm se expandindo com a chegada do ano 2000, fica cada vez mais evidente a importância da Literatura como fonte de informação, conhecimento e lazer na formação do cidadão.

Considerando que os interlocutores mais diretos deste artigo são professores de 1º e 2º. Graus, apresentaremos, a seguir, algumas sugestões metodológicas no sentido de tornar a aprendizagem da leitura significativa e prazerosa. Este objetivo nos remete à necessidade de criação de um vínculo prazeroso e produtivo entre o aluno-leitor e o texto. Para tanto, consideramos indispensável que o professor:

- goste de ler, seja um bom leitor, saiba escolher boas fontes bibliográficas e esteja sempre bem informado e atualizado;
- disponha-se a pensar, duvidar e questionar;
- coloque-se num processo continuado de aprender a aprender como condição pedagógica básica para ensinar como se aprende;
- estabeleça junto às crianças e adolescentes uma relação sadia de troca, de diálogo e de respeito mútuo. É preciso criar na sala de aula um ambiente agradável e de confiança. Este “clima” favorecerá o interesse dos alunos pelas atividades de um modo geral e, em especial, pelas atividades de leitura;
- crie contextos de realização da leitura e de produção de textos com a participação dos alunos. É importante que professor e os alunos trabalhem juntos recriando histórias, alterando-as a outros contextos e situações, inventando outras histórias ou contrapondo idéias em representações discutidas;

- busque fazer planejamentos integrados com professores de outras disciplinas, de modo que todos se comprometam com a formação do bom leitor;
- cuide para não confundir leitura com “estudo de determinado conteúdo”. A utilização do texto para responder a questionários, exercitar a memória, moralizar etc. “significa proceder a mutilação da riqueza e da ambigüidade da estrutura literária.” (Rezende, 1994);
- relacione e discuta o processo de criação de livros literários com a Arte, o Cinema, o Teatro, a Música, a Poesia, bem como outras criações culturais.

Sabemos que, entre outros determinantes sociais e culturais, a maturidade psicológica, cognitiva e intelectual e o acesso às informações condicionam interesses, constroem possibilidades, mas também criam limites à compreensão do que se lê. Por outro lado, é através da leitura crítica que o leitor pode vir a transcender determinados limites, penetrar nas lacunas do texto e estabelecer um diálogo profundo com o próprio plano de sua criação.

Enfim é a partir da leitura considerada como um processo cognitivo / afetivo e sócio-cultural onde se entrecruzam a busca da racionalidade e da lógica de determinado texto com a busca / produção de sentido que a leitura se constitui para o sujeito - leitor como uma possibilidade de conhecimento, de prazer e de vida.

Concluindo, gostaria de apresentar a vocês um poema que se encontra no livro de Alicia Fernández, já citado anteriormente (op. cit.: 35). Com este poema nós pretendemos “fazer fechamentos”, mas instigar um pouco mais a imaginação.

Idéias, pipocas

Mãe, passei a noite pipocando,
pipocando de dor.
Mas o que eu fazia não eram pipocas,
eram idéias carameladas de amor.

“Cala a boca”, menina!
Que idéia maluca,
Você vai me deixar louca.

Mãe, aprender é coisa feia,
aprender é perigoso:
engravidada as cabeças,
isto é pecaminoso?
“Cala a boca, menina!
Sua cabeça é maluca!
De onde essa idéia nasceu?

Não sei, mãe, eu juro.
Prometo mais nada mostrar.

Mãe, minha cabeça está pipocando de dor,
mas, não são idéias sobre a maçã do amor,
são pipoquinhas somente

sementes, se mentes.
se mente, sê mente.
E quase não têm sabor.
Saber.

"Cala a boca", menina!
Menina de cabeça dura,
"cabeça de coquinho".

Pipocas, mãe, pipoquinhas.
Não são idéias isso que eu faço com tanto prazer,
são pipoquinhas,
São doces ou salgadinhas, ou carameladas de amor!

"Cala a boca", menina!
Menina de cabeça oca,
cabeça desmiolada.

Pipocas, mãe, pipoquinhas.
Não são idéias isso que eu faço com tanto prazer,
são pipoquinhas,
São doces ou salgadinhas, ou carameladas de amor!

Yara Stela Rodrigues Avelar, 1991
Rio, 7 de março de 1991.

BIBLIOGRAFIA: CO-PARCEIROS DE ENUNCIÇÃO

- AZEVEDO, Maria Amélia & MARQUES, Maria Lucia. *Alfabetização hoje*. São Paulo: Cortez, 1994.
BARBOSA, José Juvêncio. *Os fabricantes de sentido*. In: AZEVEDO, Maria Amélia & MARQUES, Maria Lucia. *Alfabetização hoje*. São Paulo: Cortez, 1994.
BARTHES, Roland. *O rumor da Língua*. Lisboa: Edições 70, 1984.

- BETTELHEIM, B. & ZELAM, K. *Psicanálise da Alfabetização: um estudo psicanalítico do ato de ler e aprender*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
COSTALONGA, Elida M. Fiorot. *As significações das imagens femininas manifestas nos textos infantis*. SBPC - São Luiz - Maranhão, julho de 1995.
FERNÁNDEZ, A. *A inteligência aprisionada*. Trad.: Yara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
_____. *A mulher escondida na professora*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
LAIOLO, Marisa e outros. *Leitura em crise na escola*. 10^a. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
LANDSMANN, Líliliana T. *Aprendizagem da linguagem escrita: processos evolutivos e implicações didáticas*. São Paulo: Ática, 1995.
PAIN, Sara. *A função da ignorância: a gênese do inconsciente*. vol. I e II. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
REZENDE, Vania Maria. *Literatura infantil & juvenil: vivências de literatura e expressão criadora*. São Paulo: Saraiva, 1993.
SCOZ, B.J.L. e outros. *Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
TAILLE, Yves de La. *Leitores já: comentando o texto "A leitura: uma questão comunitária", de Jean Foucault*. In: AZEVEDO, Maria Amélia & MARQUES, Maria Lucia. *Alfabetização hoje*. São Paulo: Cortez, 1994.
ZELAM, Karen. *Os riscos do saber: obstáculos do desenvolvimento a aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

Abstract: *The text is concerned about the influence of female attitude in the process of reader formation in alphabetization classes.*

Keywords: *reading, social control, motivation, learning, pleasure*